

SAUDADE

Conheci Norma ainda menina, quando atuávamos na política estudantil e militávamos no mesmo partido, a Vanguarda Estudantil.

Mais tarde eu a encontraria na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Fazíamos parte do mesmo grupo, Lia Kauffman, Alberto Cardoso de Mello Neto, Lauro Malheiros Filho, Sueli Russano, entre outros.

Vim a conviver com Norma quando fui nomeado Secretário da Justiça em 1983, no governo Montoro. Michel Temer assumiu a Procuradoria Geral do Estado, vindo a ser nomeado Secretário da Segurança Pública no lugar de Miguel Reale Junior. No lugar do Michel, foi nomeada, por indicação minha, Norma Kyriakos.

Norma revelou grande capacidade de liderança, respeitadíssima por seus colegas da PGE, atributo que seria a sua marca na turma de 1963. Conhecia todo os colegas, reunia vivos e mortos em festas e missas. Sua partida é uma perda irreparável, a nossa turma ficou órfã, pois nossa Norma nos deixou.

JOSÉ CARLOS DIAS

Minha motivação para escrever essas palavras encontra respaldo nas inúmeras manifestações de carinho e afeto que minha família e eu recebemos desde o falecimento de minha tia, Norma Jorge Kyriakos.

Muitas pessoas relataram que se sentiram arrasadas com a perda e que gostariam de prestar uma homenagem à minha tia, pois Norma havia sido fundamental em suas vidas. Pessoas e, principalmente, mulheres, com seus caminhos já trilhados, nos contaram que tiveram grande apoio da Norma ao longo de sua trajetória, seja por meio de conselhos, seja por meio de abertura de caminhos que a “Dra. Norma” sempre lhes proporcionou.

Quem teve a oportunidade de ajudar uma pessoa a melhorar na vida e na carreira, sabe quanto é gratificante. Ajudar duas seria ótimo. Ela ajudou várias, tamanhos foram os relatos que presenciamos.

Por sermos da família, temos apenas conhecimento sobre suas realizações, mas os depoimentos daqueles que conviveram profissionalmente com ela foram muito fortes e importantes para nós.

Formada na Universidade de São Paulo do Largo São Francisco, na turma de 1963, a qual ela tinha um imenso orgulho de pertencer, Norma sempre foi pioneira nas suas atitudes e na sua forma de agir, sobretudo em defesa da mulher e dos menos favorecidos.

Quando via um direito sendo aniquilado, comprava briga com quem quer que fosse (e quando eu digo qualquer um, é qualquer um mesmo). Quando via alguém sofrendo desrespeitos, sendo vítima de racismo ou uma mulher sendo agredida física ou moralmente, ela usava a sua força intelectual, sua determinação e o peso de seu nome, adquirido com muita luta, para defender todos os injustiçados, seu grande mote de vida.

Ela foi daquelas apaixonadas pela profissão, com uma vida inteira dedicada aos estudos, à Procuradoria e à advocacia. Após aposentar-se da Procuradoria do Estado de São Paulo, em 1996, continuou atuando como advogada, defendendo os mesmos princípios que sempre nortearam seus atos.

Vale destacar algumas posições importantes que alcançou em sua brilhante trajetória:

- Formou-se em direito na turma de 1963 da São Francisco;
- Procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo – 1966 a 1974;
- Procuradora do Estado – 1974 a 1996;
- Procuradora Geral do Estado no Governo Franco Montoro – 1984 a 1985;
- Conselheira da OAB/SP – 1987 a 1991, onde:
 - Secretária-Geral da Diretoria da OAB (primeira mulher a compor a diretoria da OAB), na gestão do Dr. Antônio Cláudio Mariz de Oliveira;
 - Fundadora do Serviço de Advocacia da Criança;
 - Participou ativamente para a criação da OAB/Mulher da Seccional de São Paulo da OAB.
- Consultora Científica do NEMGE - Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da USP, desde 1993.
- Diretora do Centro de Estudos da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo, de 1991 a 1995;
- Presidente da Oficina dos Direitos da Mulher, ONG de defesa e promoção dos direitos da mulher;
- Consultora Jurídica do Geledés - Instituto da Mulher Negra.

Muitas dessas instituições sequer existiriam sem o esforço e dedicação de Norma. Ela era pioneira na área, atuava e exigia comprometimento de todos para que os projetos saíssem do papel e se concretizassem. Foram vários os relatos de procuradores e advogados durante o velório, das ordens recebidas da “Dra. Norma” para fazer isso ou aquilo. Criava uma turma, liderava e não media esforços para que as coisas de fato acontecessem.

Este é um momento de reflexão, não só pelo próprio evento morte, mas, sim, pela perda de uma pessoa íntegra, arraigada a valores e ideais de vida que tanto prezamos, mas temos dificuldade em colocá-los em prática, algo que ela fazia com maestria.

Quando se falava da Norma, não se lembrava de dinheiro ou poder, mas, sim, de ética, comprometimento e solidariedade.

A definição mais precisa que algum amigo ou amiga deu a ela, que agora não me recordo o nome, é que ela tinha CIDADANIA EXACERBADA, definição que fazia meu falecido pai rir bastante, pois considerava que tinham acertado em cheio!

E é isso mesmo. Era excessivamente patriota e tinha um ímpeto cívico invejável. Não podia ver alguém jogando um papel no chão que ela ia lá perguntar por que havia feito aquilo. Quando alguém a “fechava” no trânsito, deixava de dar um bom dia, ou dava aqueles empurrões para passar mais rápido ou entrar em metrô ou elevador, antes dos de dentro saírem, todos eram severamente reprimidos.

Quando ela via que algo estava errado, ia até lá para reclamar. Arrumava a maior confusão e, muitas vezes, ouvia da pessoa: “Ok, Dra. Norma, quando a Sra. vier aqui será diferente, a Sra. poderá parar o seu carro em determinada vaga, poderá entrar no banco sem tanta revista, poderá subir no prédio sem tantos crachás e desaforos. As pessoas faziam e fazem isso, para evitar maiores dores de cabeça e se livrar do problema, que era ela.

Mas não é isso que ela queria. Era avessa a esses jeitinhos e do famoso: “Você sabe com quem está falando”. Ela queria mesmo que o problema fosse resolvido para todos e não só para ela. Queria mudar a forma como o lugar tratava as pessoas em geral. Se pudesse, mudaria o mundo.

São esses valores e ideais que eu e meu irmão Jorge pretendemos aplicar em nossas vidas e ensinar a nossos filhos. Não com o brilhantismo e até a voracidade que ela os executava, mas de maneira que aprendam os reais valores que deveremos nos basear para termos uma vida íntegra, correta e com respeito ao próximo.

Também não é porque a pessoa nos deixa, que não podemos falar algumas coisas dela. Duvido que haja alguém que a conhecesse e que nunca tenha tido uma discussão com a tia, com a prima ou com a “Dra. Norma”. Tudo era motivo para acalorados debates. Ela chegava e já se tentava evitar falar de política, religião, direito ou qualquer assunto con-

troverso. Futebol era bom, porque ela entendia pouco e aceitava minhas considerações.

Contudo, evitar era em vão. O assunto começava e acabava onde ela queria. Arrancava nossas opiniões sobre os temas mais controversos e, pronto, começavam os debates. Teimosa e cheia de argumentos, não havia como convencê-la. Não raro, ela terminava meio brigada ou aborrecida, mas tudo era passageiro.

No fundo, Norma não brigava com ninguém de verdade. Apesar de muitas vezes acharmos suas opiniões absurdas, nos fazia refletir melhor sobre os temas. Era sempre uma opinião diferente, com a dose de utopia que ela realmente acreditava que a sociedade e as pessoas poderiam viver.

Assim, mesmo não tendo a sua ideologia ou mesmo não seguindo todas as suas máximas, a temos como uma referência. Muitas vezes até no subconsciente nos perguntamos: “O que será que a Norma pensaria desse assunto?” “Será que ela agiria assim?” Ou, então, alguém brinca: “Ah, se a Norma estivesse aqui vendo isso, imagina a confusão”.

Confusão essa que, muitas vezes, não temos coragem de enfrentar. Quanto menos problemas melhor. Estamos acostumados a ser apaziguadores e até acomodados. Mas, às vezes, era bom saber que alguém estava exercendo a cidadania. Que alguém se dispunha a comprar brigas apenas para defender os próprios direitos. Que alguém queria que a coisa fosse feita da maneira correta, sem olhar apenas para o próprio umbigo.

Na família, Norma sempre tratou o meu irmão e eu como filhos. Sempre tentava unir a família toda, com as primas e primos. Gostava de relembrar os velhos tempos de infância quando todos eram mais próximos e tentava reproduzir esses tempos. Aborrecia-se muito quando alguém não podia comparecer, não importava o motivo.

Pelos relatos dos colegas de Norma, no trabalho não era diferente. Sempre era ela a indicada para organizar as festas e reuniões do grupo, e participava de muitas. E não eram participações em vários grupinhos de WhatsApp, não. Aversa às tecnologias, as reuniões eram presenciais. Quando muito enviava cartas formais. *E-mails*, em último caso.

Era no fundo apartidária, acreditava nas pessoas e no caráter de cada um. Sempre ligada aos movimentos de esquerda, não deixava de ter amigos com filosofias diferentes, mas esses sempre a respeitaram.

Minha tia representou um mundo utópico em que, infelizmente, não nos é possível viver. Para o mundo ideal que ela imaginava, acho que teríamos de acabar com a humanidade e depois reconstruí-la com a fórmula com que Norma foi feita. Infelizmente, somos obrigados a viver a vida como ela é, com seus erros e contradições. Mas tenho certeza que, se cada um conseguir ter os ideais e valores da Norma dentro de si, e, ao menos, efetivá-los em parte, toda a nossa sociedade melhoraria, e formaríamos um país mais justo e mais ético.

VICTOR KYRIAKOS SAAD

Uma líder autêntica e cidadã exemplar

Não irei abordar os inúmeros predicados intelectuais e culturais de Norma Kyriakos, que a caracterizaram como uma das mais conceituadas Procuradoras do Estado de São Paulo e como notável advogada.

Farei, sim, referências à sua rica personalidade, ao seu caráter e à sua integridade moral, atributos que lhe emprestaram uma dignidade pessoal responsável por um outro seu traço marcante: a liderança.

Convivemos por quase quarenta anos. Convivência intensa, diária na Ordem dos Advogados, quando a dirigimos, ela como secretária-geral e eu como presidente. A ela devo muito do que foi realizado durante as duas gestões.

Anteriormente, durante a campanha eleitoral do memorável grupo “Tempos Novos” criado para disputar as eleições de 1986, nossa amizade, já então de quase uma década, foi solidificada por ideais comuns, relacionados à valorização da advocacia e às questões que no momento compunham um quadro de anseios de toda a sociedade brasileira.

Com seu temperamento extrovertido, alegre, falante, elegante no vestir e no falar Norma era irrequieta. Sua cabeça e seu corpo estavam sempre em movimento. A primeira criando e o segundo executando ideias e planos, sempre na busca da perfeição. Pensava os detalhes, planejava cuidadosamente e executava com esmero.

Creio que desde os bancos escolares, passando pela sua amada Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na Procuradoria do Estado e na advocacia, Norma exerceu a liderança. Uma liderança marcada pelo dom de contagiar com o seu entusiasmo a todos aqueles que abraçavam as causas por ela abraçadas. Com sua forte personalidade, ela soube transformar as suas causas em lutas. Estas eram traduzidas em ações concretas na perseguição de objetivos bem definidos.

Em razão de sua capacidade de liderar, Norma passou a ser fator de convergência entre pessoas de origem, características e segmentos diversos. Pessoas que não se conheciam, tornaram-se amigas graças ao

seu papel agregador. Constituía o elo, o traço de união entre pessoas e grupos.

Cito o meu exemplo. Constituí sólida amizade com membros da Procuradoria do Estado de São Paulo; com componentes dos núcleos femininos por ela liderados; e com alguns integrantes da turma de 1963, da Faculdade do Largo de São Francisco, tendo Norma como madrinha dessas amizades.

Em razão dos seus atributos de líder e de sua capacidade para se relacionar, Norma cultivou durante toda a sua vida amizades antigas e angariou novas. Soube semear benquerença e solidariedade. Plantou árvores de amizade, colheu os seus frutos e os distribuiu para os aventureiros que com ela conviveram.

Talvez eu não tenha conhecido ninguém mais consciente de seus direitos do que Norma Kyriakos. Durante toda a sua vida adotou medidas concretas para que direitos e prerrogativas pessoais fossem respeitados. Não só os seus, mas os de outrens e os de várias comunidades; eram defendidos, reivindicados, exigidos com empenho pessoal, e eu diria, com religiosa devoção.

Direitos da mulher; fortalecimento da Procuradoria do Estado e da Advocacia; Democracia; liberdade de expressão e de ação; respeito absoluto à dignidade pessoal, eram algumas das obsessivas preocupações de Norma. Em defesa desses seus ideais, Norma agia quase como um Quixote. A diferença, no entanto, estava nos moinhos de vento: os seus eram reais. Pugnava arduamente contra todos os obstáculos que se opunham ao amplo exercício da cidadania.

Cidadania como respeito ao homem e à sua individualidade; aos seus direitos, aos seus atributos e ao desenvolvimento de suas potencialidades, tendências e aptidões. Mas, sobretudo, respeito à sua condição de ser humano, portador de direitos naturais e daqueles outorgados pelo ordenamento jurídico.

Sua concepção de cidadania ultrapassava o mero exercício retórico voltado para as garantias individuais inscritas na Constituição e nas leis. Era mais, representava uma permanente atitude de vigilância e de ações concretas para exigir o respeito aos seus e aos direitos alheios.

Norma sabia, como poucos, assumir comportamentos concretos e positivos em prol daquilo que entendia ser o correto. Por vezes, tais comportamentos eram considerados exagerados, excessivos. Em algumas ocasiões talvez até fossem. Talvez, nesses casos, qualquer outro transigisse. Mas, pensando bem, as transigências reiteradas é que levam aos frequentes abusos.

É preciso ter presente que Norma jamais reivindicou aquilo que não considerasse ser seu direito. Era intransigente nesse setor, mas possuía um aguçado senso do certo e do errado, do justo e do injusto. Poderia exagerar, como disse, não tolerar as transgressões, mas jamais era injusta. Talvez errasse na dose, mas não no remédio, que era a sua reação à doença do desrespeito.

Em 1986, durante a inolvidável campanha do grupo “Tempos Novos” às eleições da OAB, fomos fazer campanha no IPESP, onde vários procuradores nos aguardavam.

Pois bem, quando chegamos um funcionário solicitou as nossas identidades dizendo que com elas ficaria até a nossa saída.

À época, identificação em prédios era incomum e a retenção de documentos nem posteriormente foi admitida. A acalorada discussão entre Norma e o funcionário foi me exasperando, pois corríamos o risco real de não termos um só voto do IPESP, pois os colegas não iriam esperar por muito tempo. Eu apelava para que ela abrisse mão do seu direito, mas em vão. Lembro-me que não admitia sequer ser identificada. Passado um angustiante tempo subimos. Quem cedeu foi o funcionário.

Norma Kyriakos foi um ser humano diferenciado, raro. E, sem dúvida, o era. Em um mundo no qual o egoísmo, o individualismo, a ausência de reflexão e de tomada de posições claras, ela se destacava por constituir a antítese dessas marcas.

Agora que ela se foi, fico na torcida para que seja tolerante com a administração do céu e perdoe os erros de anjos e de santos.

ANTONIO CLÁUDIO MARIZ DE OLIVEIRA

Minha amiga Norma Jorge Kyriakos

Falar de amigos pode parecer simples. E às vezes de fato o é. Mas falar de uma amiga como Norma Jorge Kyriakos é tarefa difícil. Isto porque Norma era uma figura plural. Também foi plural no ritmo da nossa amizade. Nos conhecemos na velha Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, portanto fomos colegas de Faculdade. Como estudantes estivemos sempre lado a lado, lutando pelos mesmos ideais e pelas mesmas causas. Ali, já fazíamos política. Era política estudantil, mas já era política de grandes ideais.

Juntos fizemos parte da Turma de 1963. Histórica, em face do momento político da época. Um período de sombras, denso e longo de regime autoritário se aproximava. Nós, jovens e cheios de garra e amor à Pátria, o enfrentávamos. A ditadura de fato se instalou. Muitas vezes foram caladas. Não a nossa. Fomos pacientes. Soubemos esperar o tempo passar. Enquanto isso, seguimos fazendo a nossa parte.

Formados, iniciamos a nossa vida profissional. Aqui também seguimos juntos. Ambos prestamos concurso e ingressamos na carreira de Procurador do Estado. Na Procuradoria Geral do Estado, igualmente nos empenhamos para a valorização e o prestígio da carreira. Lutamos para que os Procuradores tivessem o pleno reconhecimento do Estado e da sociedade. No curso da carreira, ela e eu chegamos ao cargo de Procurador Geral do Estado. Sempre pudemos contar com o apoio e o prestígio dos colegas. Na minha gestão como Procurador Geral, Norma foi Diretora do Centro de Estudos da PGE. Dinâmica, ativa, sempre cheia de ideias, promoveu, durante sua gestão, grandes inovações, muitas atividades, muitos encontros sempre do interesse da carreira. O Centro de Estudos da PGE esteve em excelentes mãos. Posso dizer, seguramente, que o trabalho que Norma ali realizou deixou seguidores entusiasmados que só méritos e benefícios trazem para a instituição.

Norma foi uma precursora dos movimentos em favor das causas de interesse da Mulher. Vejamos. Foi a primeira mulher a compor a Diretoria da OAB, como Secretária-Geral, na gestão do nosso amigo comum Antônio Cláudio Mariz de Oliveira. Quando o Dr. Franco Montoro foi

Governador do Estado de São Paulo, sugeriu e trabalhou pela criação do Conselho Estadual da Condição Feminina. Na condição de Conselheira da instituição, sugeriu e auxiliou na criação da primeira Delegacia de Defesa da Mulher. Inédita no país e no mundo com grande repercussão dos trabalhos ali realizados. Na mesma linha, fez parte da criação da OAB Mulher, na Seccional de São Paulo da OAB. E de várias ONG's voltadas para a defesa dos interesses da mulher e das pessoas menos favorecidas pela vida.

A vida segue e novos desafios nos apresenta. Sempre fomos entusiasmados. Desejávamos uma cidade melhor, um Estado forte, um país justo e poderoso. Para tanto, cuidadosamente, ingressei na vida pública. Primeiro Procurador Geral do Estado, depois Secretário da Segurança e ainda Secretário de Governo. Norma sempre esteve ao meu lado. Amiga fiel e dedicada. Sempre atenta. Qualquer deslize era por ela apontado e imediatamente corrigido.

Não paramos por aí. O nosso ideal era verdadeiro. Quando me candidatei a Deputado Federal pela primeira vez, e nas vezes subsequentes, sempre pude contar com o apoio, a dedicação, o entusiasmo, o trabalho e o empenho da minha amiga Norma. Ela não me faltou em nenhum momento com as suas ideias, com o seu conhecimento, o seu olhar generoso para o mundo.

Norma é dessas amigas que nos fazem falta para sempre. Despedir-me dela foi momento de muita tristeza. Mas, tenho certeza de que, onde estiver, está entusiasmada desejando-nos sucesso. E, em homenagem a essa amizade tão plural e ao mesmo tempo tão singular, todos nós nos empenharemos na tarefa de fazer um país e um mundo melhores.

MICHEL TEMER